

Paraíso

por Fernando Henrique Ferreira Sacchetto - 2004

O cão rolava sobre os corpos, no meio da carne, satisfeito. Aquela era a felicidade absoluta. O chão ao seu redor era coberto de carne; alguns cadáveres quase inteiros, alguns ossos recobertos de carne, e pedaços soltos no chão fresco também. Ele mordia um naco de pernil e saboreava-o, abanando sua cauda. A carne não esfriava nem apodrecia, e o sol não incomodava também; o céu era sempre encoberto. O gozo total e irrestrito. O cão procurava dividir sua alegria indescritível com seus companheiros, que como ele também pulavam, brincavam, e principalmente comiam. Ele e um outro cão rodeavam um ao outro, apressadamente, com pedaços de carne na boca, em êxtase absoluto; não havia com o que se preocupar, pois Eles não estavam lá. Aliás, o cão nem se lembrava da existência destas terríveis criaturas; era como se Eles nunca houvessem existido.

Mas existiam, e a felicidade estava fadada a acabar, como sempre. Pois, ao olhar nos olhos de seu companheiro, a leveza e alegria do cão se esvaíam; pois ele via aqueles olhos terríveis, carregados de fúria e maldade, e ameaçavam-no junto com o restante da cabeça e do corpo assustador, as grandes orelhas redondas, formando a silhueta negra e assustadora, coroada pelos raios cruéis do sol. À sua frente, estava um dos Demônios, e a carne havia desaparecido; em sua boca, apenas o gosto da fome, e no ar, o cheiro da morte.

O filhote partiu em disparada; assim como nas outras vezes, a felicidade lhe fora roubada, e ele novamente estava no mundo terrível onde vivia. Ele correu, correu loucamente, a sobrevivência era o único pensamento em sua mente; não apenas um, mas todo um bando de Demônios estava atrás dele. Por um segundo um pensamento cruzou sua mente como um raio; ele desejou que o Demônio o tivesse matado antes dele acordar, enquanto ele ainda estava no Paraíso, para que lá ficasse para sempre. A fuga desenfreada dissipou esse pensamento como cinzas na ventania; entretanto, bem lá no fundo, ele sabia que seria inútil, pois o Paraíso era apenas um sonho distante. A realidade era o Inferno, e se ele morresse no sono, estaria preso para sempre no mundo dos Demônios.

Havia um cadáver em seu caminho. Os cadáveres do Inferno não eram saborosos como os de seus sonhos; eles eram frios, pegajosos, tinham um gosto amargo de sofrimento. Entretanto, eles eram o único sustento do filhote, e por isso ele parou por um segundo para mordiscar. Este breve momento foi o suficiente para que as feras o alcançassem; ele saltou, desesperadamente, carregando consigo apenas uma pequena lasca de carne, não mais do que o suficiente para abrir o seu apetite, assim aumentando mais ainda o martírio. Ao menos o cadáver serviria para distrair os seus algozes por alguns breves momentos, pois eles não precisavam de mais do que isso para dilacerar e consumir completamente o corpo com sua fúria insana; momentos que foram aproveitados pelo filhote para ganhar uma certa distância de seus perseguidores.

A fuga era incessante; todos os momentos de consciência do cão se dedicavam a ela, sem descanso. Pois as hienas eram incansáveis, e mesmo quando algumas delas interrompiam a caçada, sempre havia outras para tomar o seu lugar. Enfrentá-las era impossível; sua mordida era a mais forte que se conhecia, nenhum cão sobreviveria a

ela. E, no entanto, o filhote estava sempre cercado desses Demônios; outros cães, ele os encontrava somente em suas visões do Paraíso.

Aliás, eram essas visões que lhe davam forças para sobreviver e fugir constantemente. O filhote sabia que, mas cedo ou mais tarde, ele teria sua salvação; ele sabia que o Paraíso era real, e que um dia, mais cedo ou mais tarde, ele haveria de alcançá-lo. Era essa esperança que o impelia para a frente, que lhe dava um fôlego a mais quando ele quase caía de cansaço; ele não poderia desistir, não poderia se entregar, não enquanto estivesse no reino dos Demônios. Pois, se morresse ali, ele seria para sempre prisioneiro, e não alcançaria o estado de graça, livre de sofrimento, que ele vislumbrava em seus sonhos.

* * *

O cão contemplou o desfiladeiro. Ele parecia ter uma profundidade infinita, mas infinito também era o número de animais da Horda, que se aproximava como um mar cinzento de fúria. Muitos anos haviam se passado, e a Horda chegara quando o cão ainda era jovem, cobrindo os planaltos e vales com suas bestas, em uma cavalgada desenfreada. O que os Demônios tinham de maligno e impiedoso, essas bestas tinham de insano e irracional, o que as tornava ainda mais temíveis; o cão poderia enfrentar e matar uma delas, ou mesmo duas, mas elas vinham em uma torrente revoltosa que fazia tremer o chão com o troar ensurdecedor de seus cascos, e destruía tudo o que se pusesse em seu caminho.

Por isso, o cão preparou-se para saltar. O trovão ressoando em seus ouvidos e a nuvem ameaçadora que se aproximava seriam tomados por uma tempestade, não fosse o sol inclemente que rachava a terra. Ele lançou-se obliquamente ao desfiladeiro, com a esperança de encontrar uma plataforma... e pousou, metros abaixo da fenda. A dor do impacto na rocha dura e irregular espalhou-se de suas patas a todo o seu corpo, mas ele rangeu os dentes e abaixou-se, esperando. Algumas bestas saltaram para dentro do abismo; entretanto, o ribombar de seus cascos virou-se e seguiu acompanhando a borda.

Mal começou a recompor seu fôlego, o cão avistou formas surgindo na curva da plataforma, as infames formas listradas de branco e negro das bestas da Horda - as zebras. Ao avistar o cão, elas começaram a apertar o passo, inexoravelmente acelerando em sua direção. Virando-se para trás, ele descobriu que estava cercado de ambos os lados, e as bestas aproximavam-se mais e mais. Desta vez não havia mais plataformas abaixo. A prensa apertava-se sobre ele em velocidade cada vez maior; o choque era inevitável, e ele não poderia evitar de ser arremessado. Mas não haveria de se entregar; não para os Demônios, nem para a Horda. Assim, quando elas estavam quase atropelando-o, quase à distância de uma mordida... ele saltou.

Ele mergulhou pelo abismo, voando, caindo, viajando velozmente para baixo como um raio. Aquela não era uma sensação de liberdade; ele estava cercado apenas pelo vazio escuro, frio e opressor, o vento cortando sua carne como garras. Certamente o cão encontraria sua morte no fim da queda; e isso, se ela um dia terminasse, se ele não estivesse condenado a singrar a imensidão solitária do abismo por toda a eternidade. No entanto, se houvesse afinal um fundo, ele teria a mais rápida das mortes; mesmo tendo

falhado em escapar do Inferno, ele ao menos não sofreria com seu fim.

Seus devaneios foram finalmente interrompidos por um turbilhão gélido que assaltou seus sentidos e penetrou seu corpo até os ossos, sufocando-o, engasgando-o... água. Ele não estava morto, estava se afogando. Lutou afoitamente para alcançar a superfície, e seus olhos embaçados, após algumas tentativas, conseguiram distinguir a parede do desfiladeiro e a borda do lago. Sim, pela falta de corrente, era um lago. Ele debateu-se em sua direção, desesperadamente, com a água gélida arranhando seus pulmões e amortecendo suas pernas. A praia continuava distante, parecia fugir dele a cada impulso. Não poderia suportar por muito mais tempo; ele já estava perdendo a sensação nas patas, e sua vista já se anuviava. A parede perdeu-se de vista; o cão não via mais nada além de seu cansaço. Quando suas últimas forças se esvaíram, ele deixou-se afundar... e logo parou. Chão. Isso deu-lhe uma última esperança, e, com um último impulso, ele lançou-se para a terra firme.

Ele já havia perdido o controle de seu corpo; seus músculos saltavam em espasmos involuntários, assim drenando as últimas forças que lhe restavam, e sua boca vomitava, mais do que a água, sangue e vísceras. Seus olhos mal conseguiam abrir-se, e de todo modo, sua cabeça arrastava-se no chão; por isso, ele não viu o focinho ameaçador do Demônio até que seu bafo roçasse sua pele.

O cão fez menção de fugir, mas a fera não se movia, exceto por seu ganido escarnekedor. Obviamente, a criatura sabia que ele não viveria por mais do que alguns momentos, e estava saboreando seu sofrimento. Ele conseguiu arrastar-se, penosamente, por alguns passos; o Demônio mantinha-se sempre próximo, lambendo às vezes seu pêlo, como que para lembrá-lo de sua presença. Completamente esgotado e vencido, o cão caiu por terra, e a sombra nefasta espalhou-se por cima dele, aproximando-se, cada vez mais perto... mais perto... lançando-se contra ele... apenas um vulto negro, sem forma... o peso esmagava seu peito, o vulto agarrava-o, balançava-o...

"...ai meu Deus... Querido, vem cá... tá acontecendo de novo... vamos, acorde!"

O cão olhou à sua volta. Grama, piscina, muros, casa... tigela de comida. Os anjos de duas pernas, agachados sobre ele, trazendo-o de volta à vida. Paz. Comida. Estava de volta. Aquilo havia sido um pesadelo. Frio... ele estava molhado, a piscina estava revoltosa. Seus pesadelos eram cada vez mais reais; a água e o afogamento eram reais. Ele retornava para a tortura do desfiladeiro, cada vez mais vividamente.

Uma nuvem de trevas cercou e apertou o coração do cão, como uma mordida cruel. De que adiantava ele viver no Paraíso, se carregava dentro de si o Inferno?

Siga a série Linha de Mundo em: <http://linhademundo.wordpress.com>